



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

A documentação pedagógica como forma de evidenciar a criança como um ser competente

Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola
Superior de Educação de Coimbra

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Joana Raquel Santos Aleixo

A documentação pedagógica como forma de evidenciar a criança como um ser competente

Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico,
apresentado ao Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior
de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Professora Doutora Maria Filomena Rodrigues Teixeira

Arguente: Professora Doutora Joana Maria Rodrigues Chélinho

Orientadora: Professora Doutora Ana Maria Sarmento Coelho

Setembro de 2025

Resumo: A documentação pedagógica como forma de evidenciar a criança como um ser competente

O presente Relatório Final foi realizado no âmbito do Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, em contexto de estágio, numa escola de 1º ciclo em Coimbra, com um grupo de 25 alunos. O principal objetivo do projeto de intervenção que se apresenta neste relatório é compreender como foi elaborado o processo de documentação pedagógica num contexto de 1º ciclo. Numa escola onde prevalece o ensino tradicional, foi enriquecedor e desafiante utilizar outros métodos de ensino e colocar a criança como protagonista do processo de aprendizagem, indo ao encontro dos seus interesses. O processo documental foi realizado através de diferentes registos, tais como fotográficos, pequenos trabalhos realizados pelo grupo e escritos que mostraram como é possível elaborar documentação pedagógica tendo em conta outros aspetos da mesma, por exemplo, como, para quem e com o que documentar. A documentação serviu, também, para o professor e as estagiárias avaliarem o grupo e para a criança se autoavaliar revisitando e repensando sobre tudo o que fez ao longo do ano letivo, evidenciando assim a criança como um ser competente e capaz.

Palavras-chave: Documentação Pedagógica, Criança, Pedagogia de Escuta, Descoberta

Abstract: Pedagogical documentation as a way of evidencing the child as a competent being

This Final Report was produced as part of a master's degree in Preschool Education and Primary School Teaching, in the context of an internship at a primary school in Coimbra, with a group of 25 students. The main goal of the intervention project presented in this report is to understand how the pedagogical documentation process was developed in a primary school context. In a school where traditional teaching prevails, it was enriching and challenging to use other teaching methods and place the child at the center of the learning process, meeting their interests. The documentation process was carried out through different records, such as photographs, small projects carried out by the group and writings that showed how it is possible to develop pedagogical documentation considering other aspects of it, for example, how, for whom and with what to document. The documentation also served for the teacher and trainees to evaluate the group and for the children to self-evaluate by revisiting and rethinking everything they did throughout the school year, thus highlighting the children as competent and capable beings.

Keywords: Pedagogical Documentation, Child, Listening Pedagogy, Discovery

Sumário

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I- CONTEXTUALIZAÇÃO	8
1.1. Contextualização da temática	9
1.2. Contexto da documentação	9
1.2.1. A criança	10
1.2.2. O papel do professor	10
1.2.3. A Pedagogia da Escuta	11
1.3. A documentação pedagógica	11
1.4. Articulação da documentação pedagógica com o currículo do 1º CEB	15
CAPÍTULO II- O COMEÇO DA DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA	17
2.1. Caracterização da instituição	18
2.2. Caracterização da sala e do grupo	18
CAPÍTULO III- O PROCESSO DE DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA	20
3.1. Metodologia e objetivos	21
3.2. Como e com o que se documenta	21
3.3. Para quem documentar	22
3.4. Documentar para avaliar	24
3.5. Divulgação da documentação	25
3.6. Análise de dados	25
3.6.1. A documentação pedagógica como visibilidade de aprendizagem	26
3.6.2. A criança como protagonista	27
3.6.3. A autoavaliação da criança	28
3.6.4. A participação das famílias	28

3.6.5. A documentação como ferramenta de avaliação pedagógica	29
3.6.6. A criança como um ser competente e capaz	29
3.6.7. Considerações da análise de dados	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
APÊNDICES.....	38

Lista de abreviaturas

CEB- Ciclo do Ensino Básico

ESEC- Escola Superior de Educação de Coimbra

INTRODUÇÃO

O presente relatório centra-se na documentação pedagógica como estratégia para valorizar a criança como um ser competente, colocando-a no centro do processo de aprendizagem. Num contexto marcado por práticas educativas mais tradicionais, a intenção foi introduzir práticas inspiradas em abordagens participativas e reflexivas, valorizando a escuta.

Ao longo do processo de documentação assumi a criança como um sujeito ativo, curioso, capaz, competente e criativo, dotado de múltiplas formas de expressão, as chamadas “cem linguagens” (Malaguzzi, 1997). Tal abordagem defende que a criança é curiosa, interessada, tem potencial e é conectada ao mundo (Rinaldi, 2006). A documentação pedagógica, nesse sentido, é vista como um processo contínuo de observação, registo, interpretação e partilha, que visa tornar visível o pensamento das crianças e os processos de aprendizagem (Stacey, 2015).

A documentação não é apenas um instrumento de avaliação, mas um ato de escuta e de diálogo pedagógico (Formosinho et al., 2013) permitindo que os professores, crianças e famílias reflitam, em conjunto, sobre as experiências vividas. A prática documental assume uma função ética e estética ao tornar a aprendizagem das crianças visível, valorizando a sua voz e o seu papel como protagonistas.

Com este relatório, procura-se compreender de que forma a documentação pedagógica pode ser implementada em contextos de 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB), quais os seus impactos nos processos de aprendizagem das crianças e de que modo contribui para uma prática docente mais reflexiva, intencional e participativa. Trata-se de um caminho de investigação e transformação, onde a escuta e o respeito pela criança são princípios fundadores.

Este relatório está dividido em três partes, a primeira destaca a contextualização da documentação pedagógica e a articulação da mesma com o currículo do 1º CEB. O segundo capítulo centra-se na caracterização da instituição, da sala e do grupo onde fiquei a estagiar ao longo de um ano letivo. Por fim, no último capítulo, apresenta-se todo o processo de documentação pedagógica, para além da análise de dados de toda a documentação recolhida.

CAPÍTULO I- CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1. Contextualização da temática

Durante o último ano de mestrado, tive a oportunidade de estagiar numa escola de 1º CEB, situada em Coimbra. Iniciei este estágio com bastante expectativa e com a certeza de que tudo o que vivenciaria com as crianças seria diferente de qualquer coisa que já tinha vivido.

O contexto onde me integrei era de um ensino tradicional, marcado por aulas maioritariamente expositivas, com muito pouco contacto com as novas tecnologias e com poucos projetos realizados, o que acabou por me desafiar e motivar a levar novas perspetivas para as crianças, indo ao encontro dos seus interesses, uma vez que “cada criança é um ser único com características, capacidades e interesses próprios, com um processo de desenvolvimento singular e formas próprias de aprender.” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 8)

A temática a que me propus investigar foi a documentação pedagógica em contexto de 1ºCEB. O facto de ter ouvido falar sobre a documentação pedagógica no meu percurso académico, despertou-me interesse e curiosidade para o aprofundar.

No decorrer do ano letivo, um dos principais objetivos era perceber de que forma se cria documentação pedagógica e quais os seus contributos e relevância, nesse sentido, cada opinião/conversa com as crianças foi tida em conta para levar novas formas de aprendizagem e diferentes métodos para chegarmos ao principal objetivo, adquirir conhecimentos.

1.2. Contexto da documentação

Apesar da escola onde realizei o estágio não se inspirar na abordagem Reggio Emília, acho importante abordar um pouco este tema, uma vez que o processo de documentação pedagógica surgiu através desta abordagem.

Nesta abordagem, criada por Malaguzzi, personagem principal de toda esta abordagem, a criança surge como ator principal, sendo que o principal propósito é conhecê-la e compreendê-la. A criança, o papel do professor, a pedagogia de escuta e a documentação pedagógica são aspetos essenciais nesta abordagem. Todos estes aspetos

permitem que se crie um ambiente propício para que a criança desenvolva as suas competências e se mostre um ser capaz. (E-Docente, 2020)

1.2.1. A criança

Para que se consiga conhecer e compreender a criança é fundamental existir um trabalho colaborativo entre todos os agentes (famílias, professor e comunidade educativa), desta forma é mais fácil dar as melhores respostas à criança.

A criança é comunicadora, detentora de potencial, ligada à sociedade, um sujeito capaz, ativo, que tem agência própria e alguém com uma atitude recíproca, ou seja, não está só à espera de receber, mas também de dar. Através das várias linguagens das crianças, elas podem representar as suas ideias, experiências, sentimentos e pensamentos, o que demonstra que cada uma é detentora de competências e saberes. A criança inicia a sua própria aprendizagem ao experienciar e tentar descobrir algo. (Pereira, 2019)

Ao reconhecer a criança como única, competente, capaz e com direito a ser protagonista da sua própria aprendizagem, exige que o professor conheça o grupo e cada criança individualmente, bem como o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. (Marques, 2018)

1.2.2. O papel do professor

Segundo o Decreto-Lei nº 241/2001, Perfil Específico de Desempenho do Educador de Infância e do Professor do 1º Ciclo do Ensino Básico, o professor deve conseguir relacionar-se com as crianças, promovendo a sua autonomia, permitindo que as mesmas tenham liberdade para ir à descoberta, garantindo que as crianças se sintam valorizadas e integradas. (Pereira, 2019)

O docente tem de ser pesquisador, disponível, aberto para o novo, acompanhar a criança, garantir bons contextos de pesquisa, capaz de conduzir o protagonismo da criança, precisa de sólida formação teórica e conhecer as múltiplas linguagens da criança. (E-Docente, 2020)

O professor deve ser visto como alguém a quem a criança pode recorrer sempre que precisar, seja para receber um simples elogio ou uma palavra de encorajamento. Para que o elogio surja é fundamental que o professor observe atentamente cada criança, para além disso, o diálogo que se estabelece entre o professor e a criança é o ponto de partida para uma interação de reciprocidade e interação entre ambos. (Pereira, 2019)

1.2.3. A Pedagogia da Escuta

Segundo a Convenção sobre os Direitos da Criança, mais especificamente o artigo 12, é garantido “à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões da criança, de acordo com a sua idade e maturidade” (Comité Português para a UNICEF, 2019, p. 13)

Para Palacios (2017) é necessário que saibamos escutar pelos diferentes ouvidos. O ouvido da escuta é fundamental, uma vez que vai para lá de simplesmente ouvir, requer que interpretemos aquilo que ouvimos. (Pereira, 2019) Escutar cada criança é dar-lhe voz e é dar ao adulto um momento para refletir sobre o que ouve e questionar o porquê de tudo o que está a escutar. O adulto pode proporcionar um ambiente propício a novas descobertas, a mais interrogações, a motivar e valorizar a criança.

“Escutar é estar aberto aos outros e ao que eles têm para dizer, é considerar os outros como sujeitos que contribuem para a investigação partilhada que cada um enceta sobre o sentido e o significado das experiências quotidianas que experiência.” (Formosinho et al, 2013, p. 127)

1.3. A documentação pedagógica

O termo documentação pedagógica possibilita compreender a criança de várias formas, as suas conquistas e os processos de aprendizagem que ocorrem durante o processo educativo. (Mendonça, 2013)

A documentação pedagógica não serve só para o desenvolvimento da criança, mas, também, para a concretização e aperfeiçoamento do trabalho do professor. Documentar começa quando o professor está predisposto a escutar.

Para Stacey (2019), a documentação é uma ferramenta bastante útil, porque mostra os pensamentos e ideias do professor, todo o processo de construção de conhecimento e o trabalho das crianças, mostrando-as e evidenciando-as como seres competentes. (Pereira, 2019)

O facto de como as crianças aprendem e as descobertas que as mesmas realizam diariamente é construída através da documentação. (Medeiros, 2019)

Lopes da Silva et al (2016) citados por Marques (2018) referem que se entende por documentar a “recolha dos elementos que permitem reconstituir o processo educativo e o progresso das aprendizagens das crianças, tais como, registos de observação, outros registos ou documentos produzidos pelas crianças ou pelo/a educador/a, no decurso da ação educativa.” (p. 52).

Documentar torna visível as experiências realizadas, cria cultura e produz documentos do que se observa. Rinaldi (1998b) citado por Formosinho et al (2013) refere que “Documentar as atividades, os diálogos, as experiências das crianças é um ato de amor e de emoção. A educação é um ato de amor.” (p. 132).

Para Malaguzzi (1999), a documentação é um instrumento de pesquisa para o educador, uma vez que lhe permite observar e compreender a criança no seu processo de construção. Ao aproximar-se da forma como a criança vê e compreende o mundo, o educador constrói uma imagem de criança competente. A criança só é escutada porque se acredita que ela tem algo a dizer. (Marques, 2018)

É importante compreender o poder da escuta da criança e da documentação dessa escuta, para isso, todos os que se preocupam com a educação das crianças devem conectar-se entre si. (Azevedo, 2009)

A documentação pedagógica é considerada importante nas pedagogias participativas uma vez que transforma o cotidiano pedagógico, articulando-se com o

desenvolvimento do planeamento, da avaliação e da aprendizagem das crianças. (Santiago & Moura, 2021)

Um dos principais méritos atribuídos à documentação pedagógica é a sua capacidade de promover a interação entre duas culturas distintas: a da criança e do adulto. Essa interação é essencial para repensar e transformar a realidade educacional. Trata-se de uma abordagem pedagógica baseada no construtivismo social, que reconhece tanto as crianças quanto os professores como participantes ativos e coautores na construção do conhecimento. (Azevedo, 2009)

Rinaldi (2006) entende a documentação como um meio de atribuir sentido. Na sua perspetiva, essa interpretação do conceito surge, da crescente perceção de que boa parte da aprendizagem escolar está relacionada com o envolvimento ativo dos participantes, como professores, alunos e comunidade, o que exige uma conceção renovada sobre aprendizagem. (Azevedo, 2009)

Para o processo de documentar é fundamental observar, registar, analisar e refletir. Nem todo o registo produzido gera documentação pedagógica, mas toda a documentação pedagógica depende de registos de boa qualidade.

Observar

Observar requer clareza e seleção de aspetos vividos pelas crianças que são relevantes para seres registados e acompanhados.

Observar é muito mais do que simplesmente olhar. Ao olhar é dada intencionalidade ao ato, por outro lado, ao observar o professor sabe o que deseja constatar, quais são as suas intenções, como pretende recolher as informações e porque quer as informações.

Através da observação é possível elogiar e colher informações sobre o conteúdo e forma de aprendizagem da criança, por isso, esta não pode ser ampla, mas delimitada por intenções e conceções. (Mendonça, 2013)

Roden (2010) citado por Dias (2019) refere que a observação “[...] é um aspeto fundamental do processo de aprendizagem e, embora a habilidade seja considerada algo óbvio na vida cotidiana, ela é crucial para entender o mundo [...]” (p.62)

Observar um grupo de crianças, considera o reconstruir e o interpretar a atividade pedagógica sem nunca se esquecer dos integrantes do grupo (as crianças e os professores) e as relações estabelecidas entre eles. (Mendonça, 2013)

Sendo assim, o professor deve ter em conta indicadores que lhe permite promover o próprio desenvolvimento e aprendizagem. Martins (2007) citado por Mendonça (2013) refere que “a tarefa fundamental da escola é assegurar condições pelas quais se desenvolva nos alunos aquilo que lhes falta para consolidação das funções psicológicas superiores, ferramentas imprescindíveis para que os homens sejam, de facto, sujeitos da sua história.” (p. 23807).

Registar

O registo é um ótimo auxiliador de memória. Ele pode ser considerado um suporte de memória, ajudando a evitar a perda de manifestações das crianças, uma vez que são inúmeras as histórias, as interações e as situações vividas em sala de aula. Para compreender o que se faz e porque se faz é fundamental registar, pois as experiências vividas no dia-a-dia vão construindo a história daquele grupo de crianças e do próprio professor, para isso, os registos podem ser escritos, filmados e/ou fotografados. (Mendonça, 2013)

Através do registo, o professor pode repensar as suas realizações com os alunos, no entanto, o registo é um fragmento da documentação, ou seja, faz parte dela, mas não a constitui.

Embora registar seja essencial para a documentação pedagógica, nem tudo deve compor a documentação, por isso, é necessário ter cuidado e critério na eleição e organização do material produzido. (Mendonça, 2013) “O educador deve ter em conta que a construção da documentação implica escolhas e organização de material recolhido,

da mesma forma de que aquilo que não escolhe também constitui uma escolha.” (Medeiros, 2019, p. 9)

Refletir

Observar e registrar são processos importantes, porém se não se tornarem objeto de reflexão por parte do professor de pouco servirão.

Libâneo (2014) citado por Mendonça (2013) refere que refletir é muito mais do que pensar, envolve “[...] um pensar epistêmico, ou seja, sujeitos que desenvolvam capacidades básicas em instrumentação conceitual que lhes permitam, mais do que saber coisas, mais do que receber uma informação, colocar-se frente à realidade, apropriar-se do momento histórico de modo a pensar historicamente essa realidade e reagir a ela.” (p. 23809)

Muitas vezes, para o professor, ensinar é apenas fazer com que os alunos aprendam o que é proposto, sem antes questionar os objetivos da sua ação e o sentido e significado para a aprendizagem. (Mendonça, 2013)

Ao documentar, tendo em conta o que observou, registou e refletiu, o professor vai construindo significados para o que realiza, o que ensina e o que os seus alunos aprendem.

1.4. Articulação da documentação pedagógica com o currículo do 1º CEB

A documentação pedagógica, enquanto prática reflexiva e participativa, tem vindo a afirmar-se como uma estratégia valiosa na promoção de aprendizagens significativas e no reconhecimento da criança como protagonista do seu próprio percurso educativo. No contexto do 1º CEB, a sua articulação com o currículo assume grande importância, uma vez que permite tornar visíveis os processos de aprendizagem, valorizar a escuta ativa dos alunos e promover uma abordagem mais contextualizada dos conteúdos curriculares.

Esta prática ganha uma importante relevância quando pensada em estreita ligação com o currículo, pois permite ao professor compreender como os alunos constroem o seu próprio conhecimento e desenvolvem competências.

A documentação pedagógica pode funcionar como uma ponte entre os objetivos curriculares e as necessidades dos alunos, neste sentido, o currículo deixa de ser apenas um conjunto de metas a cumprir para se tornar um instrumento ativo e dinâmico, construído em conjunto entre professores e alunos.

A articulação entre a documentação e o currículo não só reforça a intencionalidade pedagógica das práticas, como também contribui para uma cultura de escola mais democrática, participativa e centrada no aluno.

CAPÍTULO II- O COMEÇO DA DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

2.1. Caracterização da instituição

A escola do 1º CEB onde decorreu o estágio e a investigação da documentação pedagógica situava-se na cidade de Coimbra.

A escola tinha como oferta educativa o 1º CEB e tinha capacidade para albergar cerca de 250 alunos, possuía onze salas de aula, uma de Informática, duas de Educação Especial, duas de Apoio Educativo, uma Biblioteca com capacidade para duas turmas, três campos de jogos e um refeitório com capacidade para cerca de cem alunos.

É de referir, no entanto, que todo o estágio foi realizado num contentor com uma sala para cada turma, um refeitório, uma biblioteca, e um espaço exterior, uma vez que a escola se encontrava em obras de requalificação, tornando assim este estágio mais um grande desafio.

A instituição pretendia responder às exigências e necessidades de cada criança, atendendo ao facto do desenvolvimento e da aprendizagem serem vertentes indissociáveis no processo de evolução da criança.

2.2. Caracterização da sala e do grupo

A turma do 4º ano era composta por 25 crianças, sendo dez raparigas e quinze rapazes, a maioria com nove anos de idade.

Tanto dentro da sala de aula como no exterior, as crianças tinham acesso a alguns materiais e jogos para que pudessem explorá-los, no entanto, tendo em conta que estávamos num contentor e com espaço interior e exterior bastante reduzido, os materiais não eram em grande quantidade.

A turma tinha diferentes níveis, ritmos de trabalho e cada aluno requeria diferentes atenções. A área em que a turma, na totalidade, revelava mais interesse era na área de estudo do meio, sendo possível observar o seu contentamento quando percebiam que estávamos a entrar nessa área.

Apesar das dificuldades, a turma com que trabalhei neste estágio entreajudava-se bastante, era autónoma, demonstrava bastante receptividade perante novos desafios propostos, revelando uma aprendizagem contínua a nível relacional e de comunicação.

Era notório o gosto que tinham pela exploração de diferentes materiais e pelo espaço exterior, mostrando-se bastante felizes sempre que algo novo era proposto.

Os diálogos, uma das características mais visíveis no grupo, que estabeleciam com os adultos permitiram observar que gostavam de compartilhar as suas experiências, vivências, descobertas, os mais variados assuntos acerca do dia-a-dia delas e novos materiais que gostariam de explorar na sala de aula. As famílias também se mostraram bastante recetivas nas tarefas das crianças, envolvendo-se nas aprendizagens das mesmas.

CAPÍTULO III- O PROCESSO DE DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

3.1. Metodologia e objetivos

Ao observar o grupo, surgiu a ideia de registrar o que as crianças realizavam, pesquisavam e descobriam ao longo do ano letivo, tentando conduzi-las a descobrir coisas novas e motivá-las. Ao escutar e observar as crianças, fui percebendo, juntamente com as minhas colegas de estágio, o que elas gostavam e queriam realizar durante as aulas, com isso tentámos sempre levar novos desafios e diferentes formas de elas aprenderem, o que as deixou bastante motivadas e ansiosas para cada nova aula. A questão implícita a todo o trabalho realizado é, para além de mostrar novas perspetivas para as crianças, entender como se elabora documentação pedagógica, num contexto de 1º CEB.

Durante este processo foram várias as formas documentais utilizadas e os recursos, como fotografias das crianças captadas por mim e pelas minhas colegas e materiais que foram produzindo.

A comunidade educativa e as famílias interessam-se e valorizam o que é feito pelas crianças nas instituições de ensino, nesse sentido, a documentação é o caminho mais claro e realista de lhes mostrar o que é feito e como é feito.

3.2. Como e com o que se documenta

Neste processo de documentação, recorreremos a diferentes instrumentos que nos ajudam a registar e organizar as experiências vividas. O professor dispõe de uma margem de trabalho bastante rica, não só pela quantidade de materiais disponíveis, mas pelas experiências e oportunidades proporcionadas às crianças.

Limpar, reduzir e cortar são ações importantes para um bom trabalho relativamente àquilo que se quer relatar. (Malavasi & Zoccatelli, 2013)

A fotografia

Numa era onde as novas tecnologias se destacam, a fotografia está ao alcance de muitos professores e é capaz de tornar as experiências das crianças, o que é feito e como é feito visíveis.

Todas as fotografias fazem parte do processo documental, mas nem todas farão parte da documentação final, pois tal como referi mais acima, nem todo o registo produzido gera documentação pedagógica, mas toda a documentação pedagógica depende de registos de boa qualidade.

O texto

“Os textos são os companheiros fundamentais das imagens. São os seus cúmplices na transmissão de mensagens eficazes.” (Malavasi & Zoccatelli, 2013, p. 78)

A documentação escrita deve evitar textos longos, repetições e frases demasiado articuladas, pelo contrário, deve ser clara, com frases breves e diretas. (Malavasi & Zoccatelli, 2013)

Como a documentação foi enviada e analisada pelas famílias, teve-se em conta o tipo e o tamanho da letra, diferenciando os títulos do corpo do texto, uma vez que nem todas as pessoas leem as anotações feitas. Os títulos encontram-se com uma letra maior em comparação ao corpo do texto.

Os materiais

Ao longo do ano letivo, as personagens principais de todo o material elaborado são as crianças. Malavasi e Zoccatelli (2013) entendem por materiais “Tudo aquilo que não é texto nem imagem e que é inserido na comunicação pedagógica...” (p. 78). Todos estes materiais se caracterizam pelos trabalhos realizados pelas crianças.

3.3. Para quem documentar

Comunicar torna-se numa partilha diária entre os elementos que constituem a escola e as famílias. “Desta forma, quando documentamos estamos perante uma comunicação com múltiplos destinatários – o educador, as crianças, as famílias, a equipa e a comunidade educativa.” (Pereira, 2019, p. 53)

A relação entre a escola e as famílias é muito importante. Estas devem sentir-se apoiadas e acolhidas pela comunidade, e nada melhor do que observarem uma documentação que exponha os momentos onde os seus filhos estão inseridos para isso acontecer.

Com a documentação elaborada e as fotografias captadas, as crianças podiam observar-se nas diferentes atividades que realizavam e comprovar que eram capazes de ultrapassar qualquer desafio, mostrando-se assim capazes.

A partilha de ideias e a troca de opiniões são aspetos a ter em conta durante o processo de documentação, nesse sentido, saliento a importância das minhas colegas de estágio neste processo, uma vez que trabalhávamos em equipa, permitindo-me trocar ideias e pedir opiniões. “Um trabalho documental tem a capacidade de fazer circular experiências entre colegas cujo seu confronto possibilita a troca e compreensão de experiências diferentes das nossas.” (Pereira, 2019)

Documentar para as crianças

Uma criança que tem adultos interessados à sua volta sente-se valorizada e capaz, reforçando, assim, as próprias competências e potencialidades. Encorajar a formação de identidade de cada criança significa valorizar a sua história pessoal.

Documentar para os pais

A documentação constitui igualmente uma ponte com as famílias. Os pais sentem-se acolhidos e apoiados se encontrarem documentação sobre a parte do dia que não veem dos seus filhos, estabelecendo uma ligação mais próxima com o percurso educativo das crianças.

Documentar para o grupo de trabalho, para os colegas e para a comunidade

Documentar significa relatar e dar visibilidade à vida que se desenrola nos serviços educativos. Partilhar estas experiências entre colegas e com a comunidade amplia o

reconhecimento do trabalho realizado, favorece a reflexão coletiva e contribui para a construção de uma cultura educativa mais participativa e transparente.

Documentar para refletir

Permite que o nível de consciência se mantenha elevado e não percamos a capacidade de nos interrogarmos sobre o sentido do que fazemos no dia a dia para e com as crianças.

Documentar para recordar e construir uma história

Contribui para preservar memórias e experiências, ajudando a construir a identidade de uma forma mais nítida e consciente.

Documentar para comunicar e relacionar-se

Ajuda a encontrar novas solicitações e renovar propostas e não revela só as ações e resultados, mas também os erros e os momentos difíceis. Este processo favorece a comunicação e fortalece as relações entre os diferentes intervenientes da prática educativa.

3.4. Documentar para avaliar

A documentação ajuda a criança a se autoavaliar, revisitando e repensando sobre tudo o que fez.

Ao longo do ano letivo, a avaliação das diferentes atividades realizadas pelas crianças, foi efetuada através de diversas formas, onde cada criança explicava, numa folha, quais as dificuldades que teve, o que precisava de melhorar e o que resolveu/percebeu com facilidade, para além disso, foram utilizadas também algumas plataformas *online*, como o *Kahoot*, *Wordwall* e *Hyptiamat*.

3.5. Divulgação da documentação

Relembrando um dos pontos mencionados anteriormente sobre para quem documentar, foram divulgadas às famílias, através do grupo de *WhatsApp* da turma (uma vez que estávamos em tempo de pandemia, a entrada de qualquer pessoa na escola não era permitida), os momentos vividos pelos filhos ao longo do ano. Esta partilha foi importante para a construção de relações com as famílias e para as mesmas irem acompanhando o processo de aprendizagem das crianças, uma vez que não tinham acesso à escola e não podiam acompanhar o que se passava lá dentro. Todo o material partilhado com as famílias, permitiu que as mesmas, a professora e as estagiárias, refletissem, juntas, sobre o que as crianças viveram, permitindo que estas se sentissem valorizadas, capazes e competentes.

Com esta divulgação as próprias crianças também podiam reviver tudo o que realizaram e refletir acerca do mesmo, com isto, pude observar que elas se sentiam competentes e felizes ao observarem como conseguiam ultrapassar desafios propostos, medos, inseguras e dificuldades que tinham.

3.6. Análise de dados

Os objetivos desta análise foram, acima de tudo, evidenciar a criança como um ser competente e capaz, as crianças serem capazes de se autoavaliar revisitando e repensando sobre tudo o que fizeram ao longo do ano letivo e o professor e as estagiárias avaliarem o grupo. Esta análise visou interpretar as manifestações expressas pelas crianças a partir da documentação pedagógica, das suas autoavaliações e das interações vivenciadas no ambiente educativo, reconhecendo-as como sujeitos competentes e protagonistas do seu próprio processo de aprendizagem, tal como refere Malaguzzi (1997) “A criança é feita de cem.

A criança tem cem linguagens,
cem mãos, cem pensamentos,
cem maneiras de pensar, de jogar e de falar...”

A análise dos dados obtidos ao longo da prática pedagógica foi organizada em seis tópicos principais, considerando os objetivos do relatório.

3.6.1. A documentação pedagógica como visibilidade de aprendizagem

A documentação pedagógica revelou-se um recurso fundamental na recolha e análise de dados, tornando visíveis os processos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Através dos registos fotográficos, produções manuais e registos escritos foi possível observar as ideias, dúvidas e descobertas da turma. Estes documentos não serviram apenas como registo do cotidiano, mas também como ponto de partida para a reflexão pedagógica. De acordo com Stacey (2015), a documentação torna visível a aprendizagem e aprofunda a compreensão sobre o que as crianças sabem e como pensam.

Por exemplo, ao documentar as atividades relacionadas com o sistema solar, foi possível observar o envolvimento ativo das crianças na construção de maquetes (consultar apêndices XI e XII), em casa. Por outro lado, na pequena dramatização que realizaram (consultar apêndice I), criada e pensada inteiramente pelas crianças, observou-se a organização de ideias, escrita do guião, divisão de papéis e execução da apresentação. O registo fotográfico e a apresentação da dramatização revelaram competências linguísticas, sociais e de autorregulação, para além da criatividade e da cooperação.

A documentação pedagógica valorizou a multiplicidade de linguagens da criança. Para além da expressão verbal e escrita, foram promovidas atividades que envolveram expressão artística, corporal, tecnológica e científica. A utilização do Robô Super Doc (consultar do apêndice XVII ao XX) é um exemplo desta diversidade: as crianças criaram histórias, programaram o robô e assistiram à apresentação das suas narrativas. Estas experiências revelaram a capacidade das crianças em integrar diferentes áreas do saber de forma criativa e significativa.

Em diversas atividades, as crianças foram convidadas a expressar como se sentiram, o que aprenderam e o que gostariam de melhorar. Uma das crianças disse “Percebi melhor os ângulos porque desenhei, fiz com o corpo e utilizei objetos do cotidiano.”, mostrando não só compreensão do conteúdo, mas também consciência sobre

a estratégia que facilitou essa aprendizagem. Nas diversas atividades, como a pequena dramatização (consultar apêndice I), o projeto do sistema solar (consultar do apêndice VI ao X), a utilização do Robô Super Doc (consultar do apêndice XVII ao XX) e até mesmo as experiências no exterior (consultar apêndice V), as crianças revelaram autonomia, capacidade de resolução de problemas e criatividade, o que reforça que a criança é um sujeito competente e ativo tal como Formosinho et al (2013) afirma.

“Garantir o direito da criança a atribuir sentido à experiência, a construir identidade e pertença, a sentir-se realizada, feliz e acolhida é um dos mais importantes deveres dos adultos que interagem com ela. É uma exigência ética que se sustenta na crença da competência da criança para construir significados e conhecimentos que rejeita a imagem de criança pré-determinada, frágil, insegura, incapaz, ou a imagem romantizada de criança que oscila entre a criança anjo e a criança demônio.” (Azevedo, 2009, p. 13)

3.6.2. A criança como protagonista

“A criança de tenra idade existe apenas se existe um adulto junto a si que lhe dá voz, que valoriza as suas competências e as suas potencialidades.” (Malavasi & Zoccatelli, 2013, p. 37)

As crianças participaram ativamente na construção do currículo vivido, sendo escutadas nos seus interesses e propostas, uma vez que segundo Ponte & Serrazina (2000) citado por Dias (2019) “comunicar as ideias permite que as mesmas sejam objeto de reflexão, discussão e refinamento.” (p. 60). O tema do sistema solar (consultar do apêndice VI ao X), por exemplo, surgiu espontaneamente por curiosidade das crianças, sendo, mais tarde, desenvolvido um pequeno projeto com pesquisa, construção de cartazes e apresentações. Neste contexto, elas mostraram-se criativas, críticas e autónomas, o que confirma a criança como em sujeito que sente, deseja e constrói significados sobre o mundo. (Formosinho et al, 2013)

A documentação mostrou que, ao serem desafiadas com perguntas e propostas, as crianças respondiam com iniciativa, pensamento crítico e colaboração, como se verificou na realização do *Peddy Paper* (consultar do apêndice XIII ao XV) e na criação de

materiais visuais (consultar do apêndice XXII ao XXVI) para partilhar com os colegas e as famílias.

As aprendizagens desenvolvidas pela turma confirmam a presença de um currículo emergente, isto é, um currículo que se constrói a partir dos interesses, curiosidades e investigações das próprias crianças.

3.6.3. A autoavaliação da criança

A autoavaliação foi integrada através de conversas informais, registos escritos (consultar do apêndice XXXIV ao XL) e atividades digitais (*Kahoot*, *Wordwall* e *Hypatiamat*), onde as crianças puderam refletir sobre as suas aprendizagens, reconhecer dificuldades e celebrar conquistas. Este processo contribuiu para o desenvolvimento da metacognição, permitindo que as crianças reconhecessem os seus progressos e dificuldades, verbalizassem o que aprenderam e o que as desafiou. Ao apresentar a pequena dramatização foi possível observar o progresso de um aluno bastante tímido em falar à frente dos colegas, o mesmo quando viu o vídeo e as fotografias ficou contente e sentiu-se capaz e competente por estar a conseguir deixar a sua timidez de lado, por outro lado, na autoavaliação escrita, é possível observar que as crianças reconhecem as suas dificuldades e as suas competências.

De acordo com Formosinho et al (2013), ao envolver a criança na avaliação, promove-se não só a escuta ativa, mas também a sua participação crítica e reflexiva no processo educativo, reforçando o seu papel como agente da própria aprendizagem, o que foi observado ao longo da prática.

A autoavaliação contribui para as crianças terem consciência do que sabem, do que precisam desenvolver e de como aprendem. (Marques, 2018)

3.6.4. A participação das famílias

Dadas as restrições impostas pela pandemia, como já referi anteriormente, a partilha da documentação com as famílias foi realizada através do *WhatsApp*, permitindo-lhes acompanhar o percurso educativo mesmo em contexto de pandemia. Essa comunicação tornou-se essencial para o acompanhamento do percurso educativo e

valorização das experiências vividas pelas crianças, fortalecendo o elo entre casa e escola e valorizando o que as crianças realizavam diariamente. Esta partilha aumentou o envolvimento familiar e reforçou a identidade das crianças como protagonistas, sendo visível a felicidade das famílias, através das reações que tinham, ao perceberem como as crianças foram capazes de ultrapassar os obstáculos.

As próprias crianças reviviam os momentos através da documentação, fortalecendo a memória e a sua identidade e mostravam-se mais motivadas ao saberem que as famílias estavam a acompanhar os seus progressos.

3.6.5. A documentação como ferramenta de avaliação pedagógica

Além de valorizar as crianças, a documentação foi uma ferramenta de reflexão e avaliação para a equipa pedagógica. Através da análise dos registos, foi possível ajustar estratégias didáticas, ajustar propostas e responder às dificuldades detetadas, especialmente nas áreas de leitura e raciocínio lógico. A documentação permitiu à equipa pedagógica compreender como as crianças pensam e aprendem, sendo que essa visibilidade reforçou o carácter formativo da avaliação e orientou o planeamento.

A documentação pedagógica, neste contexto, afastou-se da avaliação tradicional e assumiu-se como processo de escuta, análise e acompanhamento contínuo da criança.

A avaliação não foi um fim, mas um meio contínuo de escuta e adaptação, centrada nos interesses, necessidades e progressos da criança.

3.6.6. A criança como um ser competente e capaz

Os dados analisados demonstram que, quando são proporcionados contextos ricos em experiências desafiantes, as crianças revelam competências cognitivas, sociais e emocionais fortes. Observou-se, por exemplo, a capacidade das crianças proporem soluções para problemas, negociarem regras em grupo, expressarem as suas ideias com criatividade, cooperarem e trabalharem colaborativamente, mostrando respeito pelas ideias dos outros, isto foi possível observar na atividade realizada com o Robô Super Doc (consultar do apêndice XVII ao XX). Para esta análise, os dados foram organizados em categorias (criatividade, cooperação, respeito pelos outros, resolução de problemas) e a

partir daí foi possível verificar que quando as crianças são expostas a contextos desafiantes, expressam não só criatividade individual, mas também colaboração efetiva, mostrando-se capazes e competentes.

Este conhecimento da criança como protagonista do seu próprio conhecimento implicou que o professor e as estagiárias tivessem uma postura de escuta, onde o adulto atua como mediador e não como detentor exclusivo do conhecimento, o que, segundo Malaguzzi (1999), implica reconhecer que “a criança é feita de cem”, com múltiplas linguagens e formas de se expressar. A valorização das ideias e vozes das crianças permitiu, em alguns momentos, a construção de um currículo emergente, uma vez que não foi possível utilizar essa abordagem ao longo de todo o estágio.

Como defende Rinaldi (2006), documentar é uma forma de escutar, uma escuta que vai além do ouvir, tornando visíveis os processos de pensamento e aprendizagens das crianças. Ao permitir que as crianças se vissem nos registos, estas reagiam com entusiasmo e orgulho, por vezes comentando “Fui eu que fiz isto!”, uma evidência de que a documentação reforçou a sua identidade como ser competente.

3.6.7. Considerações da análise de dados

A análise dos dados revela que a abordagem centrada na criança, apoiada pela documentação pedagógica e práticas de autoavaliação, promove um ambiente mais democrático, inclusivo e significativo. As crianças mostraram-se curiosas, reflexivas e colaborativas.

Apesar das limitações estruturais e logísticas do espaço exterior, ocorrentes das obras em curso e pela pandemia, os dados evidenciam que o ambiente educativo pode ser transformador quando assente na escuta e valorização da criança. Este processo mostrou que é possível construir práticas pedagógicas inovadoras mesmo em contextos adversos, desde que exista intencionalidade, sensibilidade e abertura por parte dos adultos. Ao distanciar-se de modelos tradicionais, a documentação permitiu o desenvolvimento de uma prática mais humanista e participativa, onde a criança é reconhecida como protagonista do seu próprio processo de aprendizagem.

Através da documentação pedagógica e da escuta ativa, foi possível confirmar que toda a criança é um ser competente, capaz, criativo e curioso. A participação nas decisões, a autoavaliação, os momentos de investigação e as interações com os adultos e colegas reforçaram o seu protagonismo e autonomia. Esse processo de análise evidenciou não apenas aprendizagens formais, mas também competências sociais, emocionais e relacionais, pilares essenciais de uma educação humanizada e transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O terminar de todo o processo de documentação foi o superar de um grande desafio, revelando um contributo importante tanto a nível pessoal como profissional.

A experiência de estágio aqui relatada evidenciou o valor da documentação pedagógica como uma prática transformadora, tanto para a criança como para a equipa pedagógica. Ao adotar uma abordagem centrada na escuta, na valorização da curiosidade e na promoção da autonomia, foi possível observar um aumento da participação, da criatividade e da consciência crítica das crianças.

A escuta, entendida como abertura ao outro, permitiu uma aproximação mais sensível ao universo das crianças, tornando visível não apenas os seus produtos, mas os processos e raciocínios que os sustentam. (Formosinho et al, 2013). Foi através da escuta que pude compreender o que cada criança pensa, sente e deseja, podendo assim levar novas estratégias de aprendizagem e atividades que vão de encontro ao interesse de cada criança.

Também para a equipa pedagógica a documentação foi fundamental para que pudéssemos refletir sobre a nossa prática, mas também para partilhar com outras pessoas envolvidas na comunidade escolar.

A documentação pedagógica demonstrou-se uma ferramenta eficaz para promover autoavaliação, reflexão metacognitiva e valorização da identidade de cada criança. Além disso, a prática documental contribuiu para reforçar os laços com as famílias, mesmo em tempos de pandemia. Através da partilha de registos fotográficos e das diversas atividades realizadas, as crianças sentiram-se reconhecidas e valorizadas, afirmando-se como agentes da sua própria aprendizagem. Do ponto de vista da equipa pedagógica, a documentação exigiu uma postura investigativa, reflexiva e colaborativa.

Ao longo de todo o processo, ficou evidente que a documentação vai além do simples registo de atividades escolares, ela constitui-se como uma ferramenta de escuta e visibilidade dos processos de aprendizagem, promovendo a criança como protagonista, o olhar investigativo do professor e o diálogo entre os diversos sujeitos da comunidade escolar.

A documentação é um meio potente de interpretação das práticas pedagógicas, pois contribui para um planeamento mais consciente e fundamentado, favorece a coautoria entre professores e crianças, além de possibilitar o envolvimento das famílias e demais atores da educação. Nesse sentido, a documentação mostra-se essencial para consolidar uma pedagogia participativa, ética e democrática.

Esta experiência permitiu compreender que toda a criança é, de facto, um ser potente e competente, dotado de múltiplas formas de expressão e de uma vontade genuína de conhecer o mundo. A documentação pedagógica, longe de ser um mero registo, revelou-se um instrumento de democratização, escuta e transformação. Documentar é amar o que se observa, é investir no potencial de cada criança e é acreditar nas suas capacidades. (Rinaldi, 2006)

Durante o caminho também surgiram alguns obstáculos, como por exemplo, o facto de “termos de cumprir o programa” e não haver tempo suficiente para tudo, no entanto, é de salientar que a professora cooperante sempre nos deixou à vontade e com liberdade para levar novas perspectivas e metodologias de ensino, instigando a curiosidade das crianças cada vez que era apresentada uma nova proposta diferente das que estavam habituadas. Para além disso, como estávamos em tempos de pandemia, as visitas ao exterior tinham de ser bem planeadas, uma vez que não podíamos estar no exterior ao mesmo tempo que outras turmas estavam.

Que este trabalho possa contribuir para ampliar o debate sobre a importância de documentar para aprender, e não apenas para mostrar, e também para fortalecer a compreensão de que educar é também um ato de interpretar, narrar e transformar realidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azevedo, A. M. L. C. (2009). *Revelando as aprendizagens das crianças: A documentação pedagógica* [Tese de mestrado, Universidade do Minho]. RepositóriUM. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10985>
- Baracho, N. V. de P. (2011). *A documentação na abordagem de Reggio Emília para a educação infantil e suas contribuições para as práticas pedagógicas: Um olhar e as possibilidades em um contexto brasileiro* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. Universidade de São Paulo.
- Comité Português para a UNICEF. (2019). *Convenção sobre os direitos da criança e protocolos facultativos* (Ed. rev.). Comité Português para a UNICEF.
- Dias, E. R. (2019). *Refletindo sobre a prática pedagógica em educação pré-escolar e ensino do 1º ciclo do ensino básico: Falar, ler e escrever notícias com as crianças no jardim de infância* [Relatório de prática de ensino supervisionada, Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais].
- E-Docente. (2020, 11 de novembro). *Webinário: Documentação pedagógica: Olhares, escutas e aprendizagens* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=IK8q7VpU730&t=4s>
- Malaguzzi, L. (1997). *As cem linguagens da criança*. Artes Médicas.
- Malavasi, L., & Zoccatelli, B. (2013). *Documentar os projetos nos serviços educativos* (L. Margutti, Trad.; 1ª ed.). APEI – Associação de Profissionais de Educação de Infância. (Obra original publicada em 2012)
- Marques, L. (2018). Documentação pedagógica como suporte da avaliação e do planeamento. In V. Monteiro, L. Mata, M. A. Martins, J. Morgado, J. C. Silva, A. C. Silva, & M. Gomes (Orgs.), *Atas do XIV Colóquio Internacional de Psicologia e Educação* (pp. 51–58). ISPA – Instituto Universitário.
- Medeiros, L. V. de A. (2019). *O contributo da documentação pedagógica para o desenvolvimento das capacidades expressivas e criativas das crianças* [Relatório de estágio de mestrado, Universidade do Minho]. RepositóriUM. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/62207>

- Mendonça, C. N. (2009). A documentação pedagógica como processo de investigação e reflexão na educação infantil. *Educação em Debate*, 31(59), 49–62. Universidade Estadual de Londrina.
- Oliveira-Formosinho, J., Formosinho, J., Lino, D., & Niza, S. (2013). *Modelos curriculares para a educação de infância: Construindo uma práxis de participação* (4ª ed.). Porto Editora.
- Pereira, A. S. C. (2019). *A documentação pedagógica no trabalho de projeto* [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Coimbra].
- Rinaldi, C. (2006). *In dialogue with Reggio Emilia: Listening, researching and learning*. Routledge.
- Santiago, F., & Moura, T. A. de (Orgs.). (2021). *Infâncias e docências: Descobertas e desafios de tornar-se professora e professor* [E-book]. Pedro & João Editores. Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal. <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/98f1c00b-3d29-4286-b4ee-887cb8f21367>
- Silva, I. L. da (Coord.), Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Stacey, S. (2015). *Pedagogical documentation in early childhood: Sharing children's learning and teachers' thinking*. Redleaf Press.

APÊNDICES

Apêndice I- Apresentação de uma dramatização toda pensado pelas crianças



Apêndice II- Trabalho, em duplas, na plataforma Wordwall



Apêndice III- Atividade de matemática realizada no exterior



Apêndice IV- Trabalho, em duplas, na plataforma Kahoot



Apêndice V- Atividade do elogio



Apêndice VI- As fases da lua



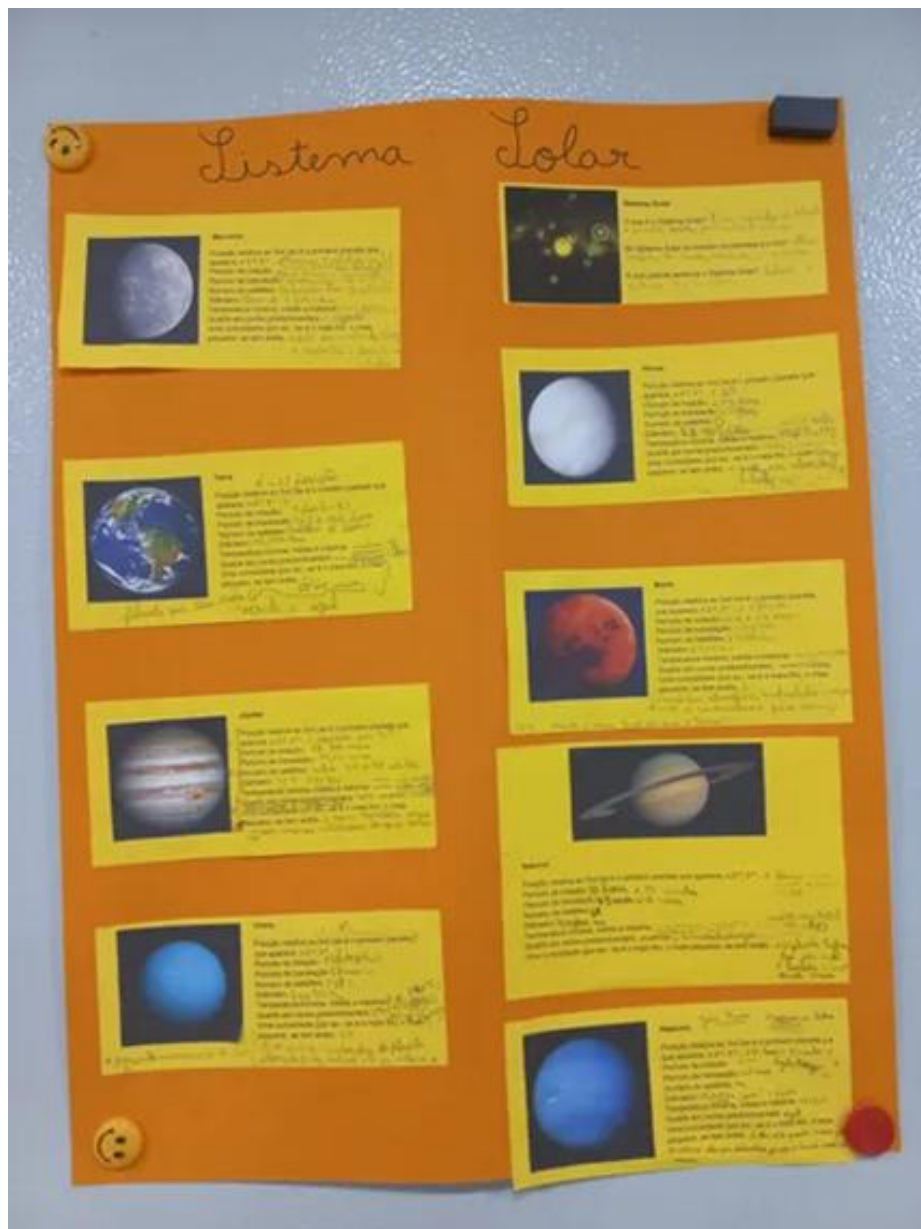
Apêndice VII- Observação das fases da lua



Apêndice VIII- Trabalho, em grupo, sobre o sistema solar



Apêndice IX- Cartaz com as pesquisas realizadas sobre o sistema solar



Apêndice X- Jogo do sistema gramatical



Apêndice XI- Maquete do sistema solar realizada, em casa, pelas crianças



Apêndice XII- Maquete do sistema solar realizada, em casa, pelas crianças



Apêndice XIII- Realização de um Peddy Paper



Apêndice XIV- Realização das tarefas do Peddy Paper



Apêndice XV- Troca de ideias sobre as tarefas proposta no Peddy Paper



Apêndice XVI- Trabalho de grupo



Apêndice XVII- Exploração, em grupo, do Robô Super Doc



Apêndice XVIII- Elaboração, em grupo, de uma história à escolha da criança utilizando o Robô Super Doc



Apêndice XIX- História criada por um grupo, para utilizarem o Robô Super Doc



Apêndice XX- Utilização do Robô Super Doc, tendo em conta a história criada por cada grupo



Apêndice XXI- Atividade de Educação Física, realizada na Esec



Apêndice XXII- Presépio construído pela criança



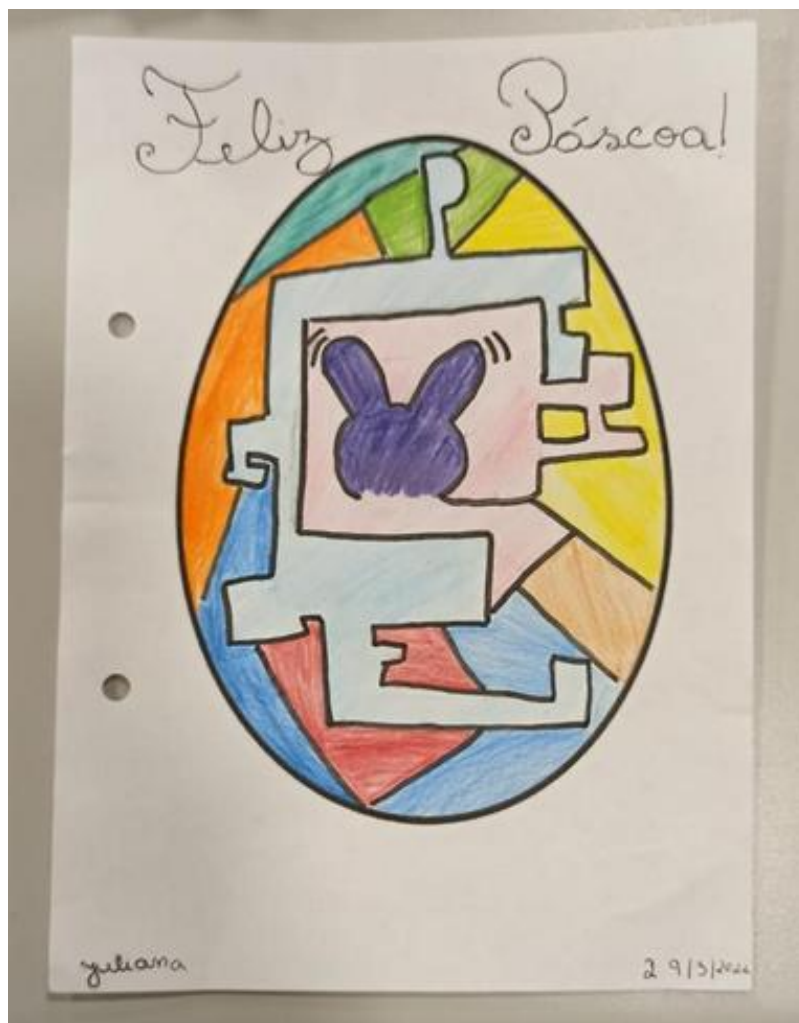
Apêndice XXIII- Decoração de um saco para colocar o presépio



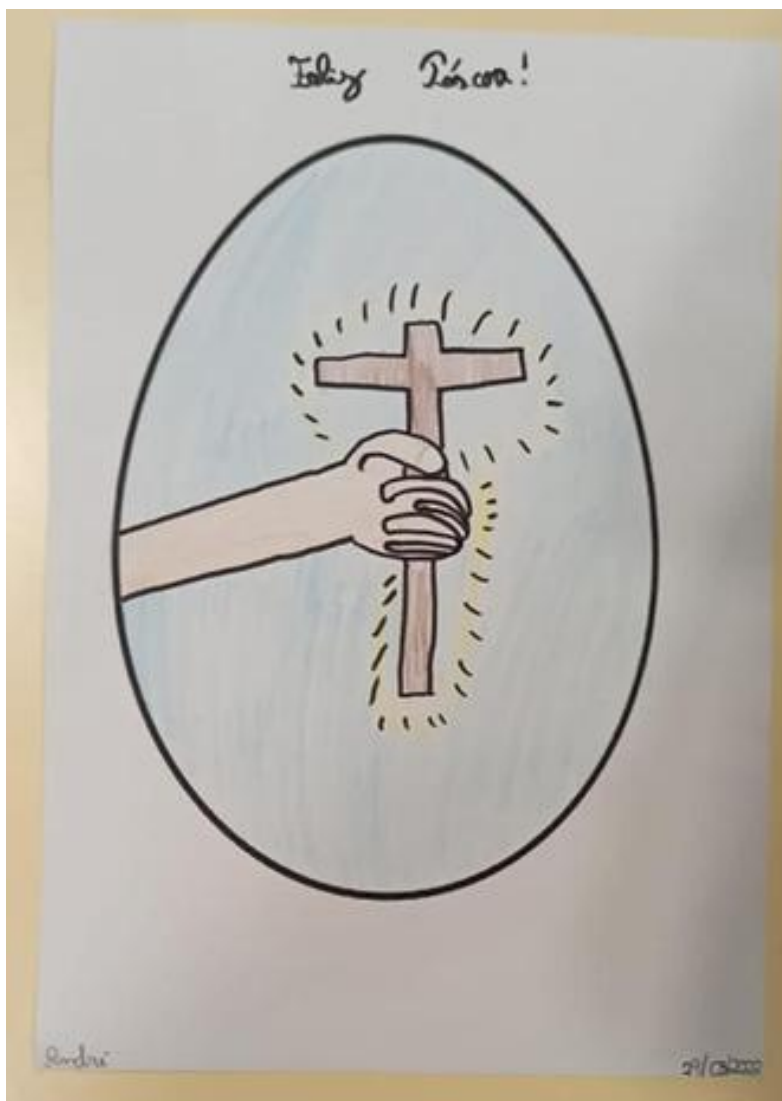
Apêndice XXIV- Resultado da decoração do saco para colocar o presépio



Apêndice XXV- Decoração de um ovo da Páscoa



Apêndice XXVI- Decoração de um ovo da Páscoa



Apêndice XXVII- Atividade de pintura, com sopro, através de uma palhinha



Apêndice XXVIII- Atividade de STEAM (Science, Technology, Engineering, Arts Mathematics)



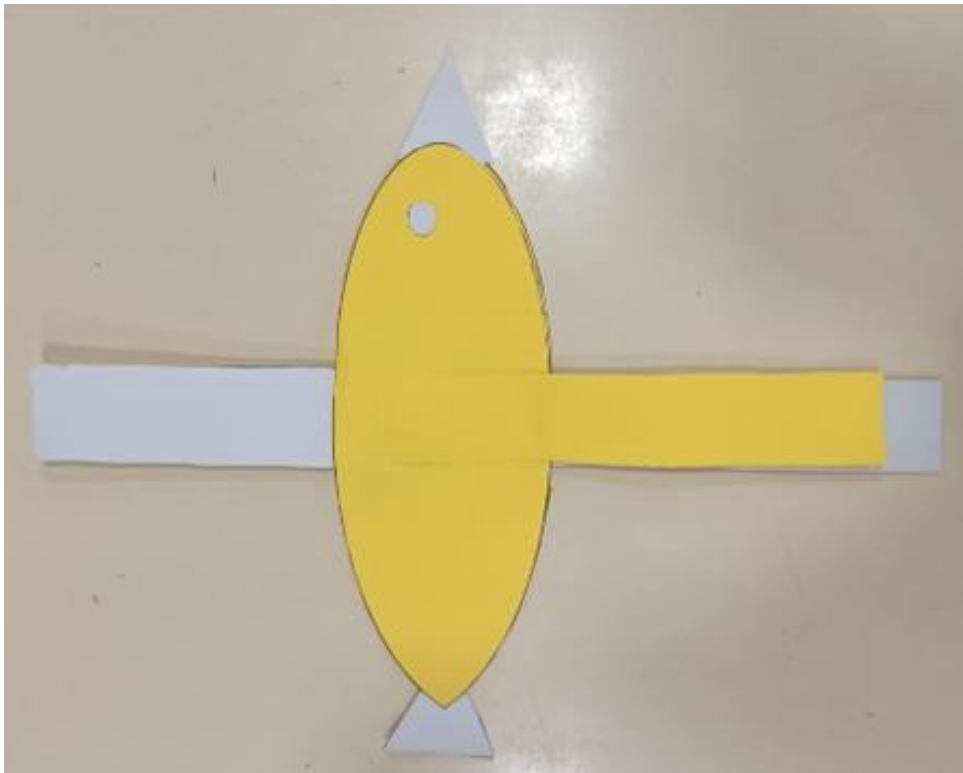
Apêndice XXIX- Atividade de STEAM



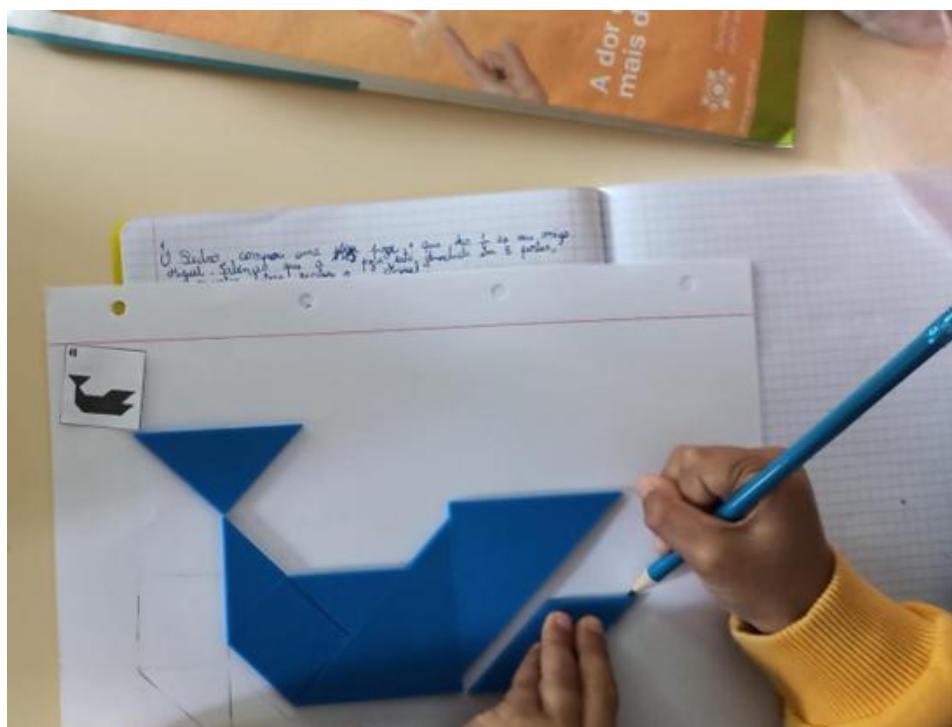
Apêndice XXX- Resultado da atividade de STEAM



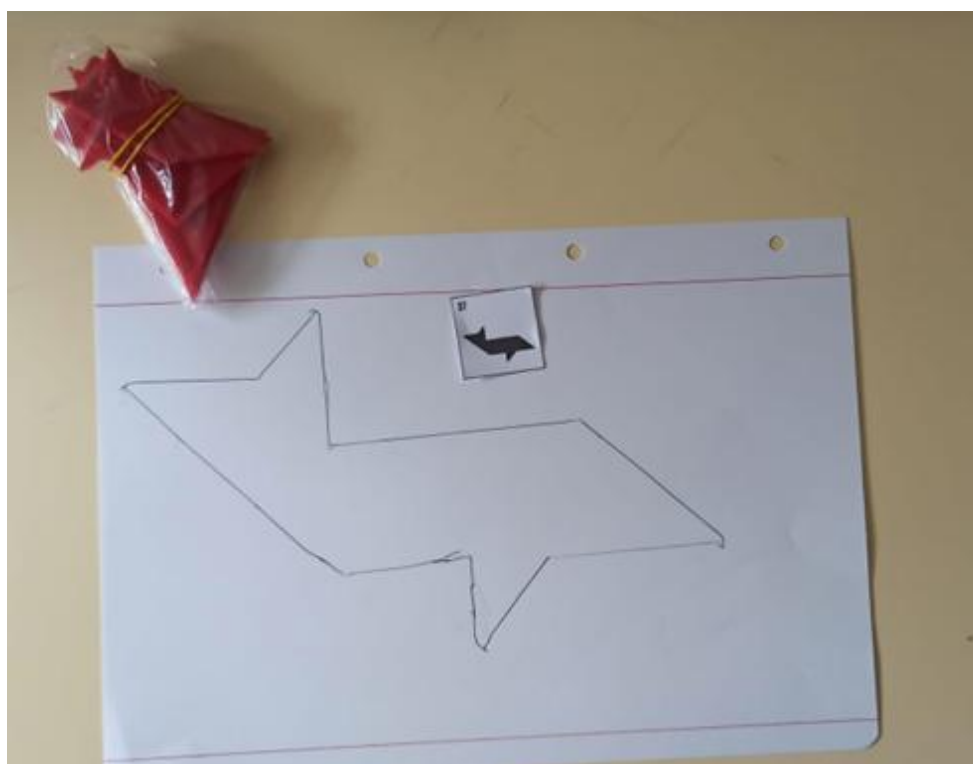
Apêndice XXXI- Resultado da atividade de STEAM



Apêndice XXXII- Tangram e o contorno de figuras



Apêndice XXXIII- Tangram e o contorno de figuras



Apêndice XXXIV- Opinião, da criança, sobre um jogo realizado

Nome: Fernando Lopes

Data: 16/03/2020

1. Gostaste de explorar o jogo?
Porquê?

Sim, porque passei
desafios em conjunto.

2. Achas que o jogo te ajudou a
compreender melhor o texto?

Sim.



Bom trabalho!

Apêndice XXXV- Autoavaliação, da criança, sobre os ângulos

Nome: Guilherme Roberto Oliveira

Data: 31/01/2022

Pinta o que está a branco com as cores: verde (sim), amarelo (às vezes) e vermelho (tenho dificuldades).

Utilizo o transferidor para medir as amplitudes dos ângulos.	
Identifico ângulos verticalmente opostos.	
Reconheço ângulos geometricamente iguais.	
Identifico ângulos adjacentes.	
Identifico semirretas.	
Identifico segmentos de reta.	
Identifico retas.	
Identifico polígonos regulares.	
Identifico polígonos irregulares.	
Reconheço polígonos geometricamente iguais.	
Identifico polígonos em pavimentações/pisos.	

Apêndice XXXVI- Opinião, da criança, antes da utilização do Robô Super Doc

Nome Leonardo Pedro

Data 30/5/2022

1. Para que serve um robot?

Serve para a-
judar as pessoas.

2. Já manuseaste um robot?
Quando?

Sim, num jogo
que tem um robot.

3. Sabes manusear um
robot?

Acho que sim.

4. Gostavas de manusear um
robot? Porquê?

Sim, porque é
divertido.

Apêndice XXXVII- Opinião, da criança, depois da utilização do Robô Super Doc

Nome: Rodrigo

Data: 30/05/2022

1. Gostaste de manusear o robot? Porquê?

Sim porque ele anda sozinho depois de programarmos.

2. Que dificuldades sentiste ao manusear o robot?

Sim porque de início não sabia como é que ele andava.

3. O que fizeste para ultrapassar essas dificuldades?

Eu li que o robot.

4. O que aprendeste ao manusear o robot?

Aprendi que cada robot tem o seu controlador.

Apêndice XXXVIII- Avaliação dos colegas sobre uma dramatização

Nome Francisco P Data 26/01/2022

GRELHA DE OBSERVAÇÃO

Oralidade/Dramatização

Preenche os espaços em branco com os emojis.



	Lê fluentemente	Lê com entoação	Tom de voz	Dramatiza
Afonso	😊	😊	😊	😊
Alexandre	😊	😊	😊	😊
André	😊	😊	😊	😊
Ângelo	😊	😊	😊	😊
Beatriz	😊	😊	😊	😊
Carolina	😊	😊	😊	😊
Francisca	😊	😊	😊	😊
Francisco O.	😊	😊	😊	😊
Francisco L.	😊	😊	😊	😊
Gabriel	😊	😊	😊	😊
Gonçalo	😊	😊	😊	😊
Joana	😊	😊	😊	😊
João Maria	😊	😊	😊	😊
João Pedro	😊	😊	😊	😊
Juliana	😊	😊	😊	😊
Luís	😊	😊	😊	😊
Maria do Mar	😊	😊	😊	😊
Maria Rita	😊	😊	😊	😊
Mariana	😊	😊	😊	😊
Miguel	😊	😊	😊	😊
Rita	😊	😊	😊	😊
Rodrigo	😊	😊	😊	😊
Santiago	😊	😊	😊	😊
Sofia	😊	😊	😊	😊
Vicente	😊	😊	😊	😊

Apêndice XXXIX- Avaliação dos colegas sobre exercícios de matemática

Nome: Luís Data: 10/12/2024

Nomes	Conseguiu fazer	Não conseguiu fazer	Teve dificuldades	Não teve dificuldades
Alfonso		X	X	
Alexandra	X			X
André	X			X
Ángelo	X			X
Beatriz	X			X
Carolina		X	X	
Francisca	X			X
Francisco Oliveira	X			X
Francisco Lopes	X		X	
Gabriel				
Gonçalo	X			X
Joana	X			X
João Maria	X			X
João Pedro	X			X
Juliana	X			X
Luís	X			X
Marta do Mar	X			X
Maria Rita	X		X	
Mariana	X		X	
Miguel	X			X
Rita	X		X	
Rodrigo	X		X	
Santiago	X	X		
Sofia	X		X	
Vicente	X			X

Apêndice XI- Autoavaliação, em pares, sobre a utilização da plataforma HypatiaMat

Nomes Juliana Galvão Luiz Gabriel Data 11/01/2021
39

19, 21, 23, 27, 33, 39

Já compreendi os divisores?

1. Assinalem com um X os desafios que conseguiram resolver à primeira tentativa.

1	2	3	4	5	6	19	30	31	32	35	36	37	38	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X					

2. Em que desafio/s tiveram mais dificuldades?

37 250

3. O que fizeram para ultrapassar essas dificuldades?

ajudamos - mas não os múltiplos

4. Gostaram de explorar o HypatiaMat? Porquê?

sim, porque dá acesso às operações que aprendemos no 4º ano

5. Acham que o HypatiaMat vos ajudou a compreender os divisores e os múltiplos?

Sim:



Bom trabalho!

